

## ORIXÁS NA LITERATURA DE LÍVIA NATÁLIA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS.

**Joelia de Jesus Santos**  
(PÓS-CRÍTICA/UNEB – Mestrado)

### INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Joelia de Jesus Santos** possui graduação em Letras, Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB). Desenvolveu pesquisas sobre a trajetória política e literária de Luiz Gama e, atualmente, estuda a produção poética de escritoras baianas engajadas no combate ao racismo e machismo na sociedade brasileira. E-mail: [josantos\\_17@hotmail.com](mailto:josantos_17@hotmail.com)

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente trabalho analisa como a literatura negra feminina de Livia Natália, poeta baiana, muda a representação das divindades afro-brasileiras. Para a realização deste estudo, foram analisados dois poemas do livro <i>Correntezas e outros estudos marinhos</i> (2015), com o intuito de contrastar a visão estereotipada que se tem a respeito dos orixás, principalmente, no contexto das religiões pentecostais. É objetivo desta pesquisa, investigar de que maneira os textos poéticos <i>Poema-ebó</i> e <i>Orixá didê</i>, podem modificar a imagem demonizada sobre os orixás, em especial, o orixá Exu, na maioria das vezes associado ao domínio do mal. Espera-se, que a realização desse estudo possa desfazer a imagem deturpada sobre o universo místico afro-brasileiro, à medida que for desfeita a ideia preconceituosa de que as religiões de matrizes africanas possuem uma suposta força destrutiva. Não há razões para temer aos orixás, conforme a narrativa poética de Livia Natália indica, eles são evocados com fim de proteger, guardar os caminhos de quem neles acredita.</p>	<p>The present work analyzes how the black female literature of Livia Natália, a Bahian poet, changes the representation of Afro-Brazilian deities. In order to carry out this study, two poems from the book <i>Currenteizas and other marine studies</i> (2015) were analyzed, in order to contrast the stereotyped view of the orixás, especially in the context of Pentecostal religions. It is the purpose of this research to investigate how the poetic texts <i>Poema-ebó</i> and <i>Orixá did</i>, can modify the demonized image on the orixás, especially the orixá Exu, most often associated with the domain of evil. It is hoped that the realization of this study could undo the misrepresented image of the Afro-Brazilian mystic universe, as the prejudiced idea that the religions of African matrices have an alleged destructive force is undone. There is no reason to fear the orixás, according to the poetic narrative of Livia Natália indicates, they are evoked in order to protect, to guard their ways of those who believe in them.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura negra; Livia Natália; Orixás.	Black literature; Livia Natália; Orixás.

## INTRODUÇÃO

A literatura negra brasileira nasce justamente com o propósito de contrapor as representações negativas sobre o negro e suas culturas, o que inclui, obviamente, a religiosidade afro-brasileira. Por isso, os textos literários de escritores e escritoras negras, diferente das produções literárias construídas no bojo da classe dominante, trazem de maneira positiva as marcas de africanidades.

No que diz respeito às religiões afro-brasileiras, percebe-se que na literatura negra os orixás aparecem como protetores, em contradição às imagens negativas cristalizadas sobre as divindades afro-brasileiras. A poética de Livia Natália é um exemplo disso, uma vez que a escritora evoca elementos do candomblé, denominação religiosa da qual faz parte, de maneira a desfazer a visão pejorativa.

Os poemas da poeta Livia Natália, analisados neste trabalho, evidenciam o quanto a escrita negra feminina e baiana tem revolucionado o discurso literário, no sentido de inscrever na literatura outros pontos de vistas sobre temas, até então referendados por sujeitos alheios às questões raciais. Portanto, os textos poéticos da escritora citada, foram utilizados com a finalidade de refletir sobre como a imagem demonizada dos orixás pode ser modificada pela literatura.

## 1 UM POUCO DE ÁFRICA NA CULTURA NEGRA BRASILEIRA

Os africanos trazidos ao Brasil na condição de escravos conseguiram imprimir na cultura brasileira um pouco de África. Seja na língua, na comida, nas manifestações populares, na música ou na dança, as marcas de africanidades ressaem. Embora os portugueses tenham imposto o seu modo de vida como padrão, os escravizados preservaram muitos elementos da tradição africana, em certa medida, “abrasileirados”. Através das práticas culturais eles resistiram às tentativas de apagamento da identidade africana, iniciada antes mesmo da travessia.

Segundo Moacir Maia (2016), no processo de escravização do africano, o batismo era fundamental para criação do novo escravo, que “recebia um novo nome, a água do batismo e o sal, enquanto na ata batismal anotava-se sua condição de escravizado e o nome do seu proprietário” (p. 38). Sob o pretexto de salvar as almas dos povos do continente africano, os europeus, em particular os portugueses, por meio da cosmogonia cristã diluíam os valores culturais da gente escravizada.

Contudo, ainda assim, em terras desconhecidas os africanos escravizados conseguiram pela resistência, dentro do contexto colonial, criar uma versão à brasileira do universo místico da terra de onde viera. No Brasil, mantiveram a cultura de África viva

através do culto aos Orixás, formando em todo território nacional conforme Reginaldo Prandi (1995), distintas religiões negras que se distinguem pelos ritos e nomes. Embora se conheça mais o candomblé originário da Bahia, existem outras como a macumba no Rio de Janeiro, xangô em Pernambuco e Alagoas, tambor de mina no Maranhão e Pará, batuque no Rio Grande do Sul, etc. Portanto, é inegável que:

A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e sua civilização. (PRANDI, 1995, p. 67).

Embora as contribuições de negros escravizados e seus descendentes sejam relativizadas no Brasil, os povos oriundos da África não só construíram este país com a sua força de trabalho, como enriqueceu as tradições culturais brasileiras inserindo elementos da cultura africana. Nesse sentido, tendo as religiões de matrizes africanas recuperado ritualmente a família, a tribo e a cidade, perdidas na diáspora,<sup>1</sup> que segundo compreensão de Stuart Hall (2003), é a dispersão geográfica de determinado grupo, foi possível dotar os afro-brasileiros de uma identidade não europeia. Por isso, ao contrário da umbanda que surge como uma religião universal, o candomblé tem suas bases na resistência ao mundo branco.

O sincretismo religioso brasileiro, conforme Prandi (1995), funda-se neste jogo de construção de identidade em que o candomblé nasce católico quando o negro precisa ser também brasileiro. Erroneamente compreendido como uma simples correspondência entre orixás e santos católicos, o sincretismo representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo judaico-cristão que pressupõe a existência de dois polos antagônicos: o bem e o mal. Esta pode ser uma das razões pelas quais a sociedade brasileira demoniza as religiões de matrizes africanas, por fugirem à lógica do cristianismo.

De acordo com Prandi (1995), o candomblé não possui a mesma concepção do bem e do mal que o cristianismo, pois a referida religião segundo compreensão do autor, tende a abrigar toda sorte de indivíduos, inclusive aqueles socialmente marcados e marginalizados por outras instituições religiosas. O candomblé não discrimina a adúltera, o homossexual ou o bandido, porque o seu sistema de moralidade baseia-se na relação estrita entre homem e orixá, em vez de entre os homens enquanto comunidade em que o bem individual está inscrito no bem coletivo.

Nesse sentido, nenhum orixá é totalmente bom, nem completamente mal, porque assim como os seres humanos, possuem qualidades e defeitos. O candomblé é uma

---

<sup>1</sup> Diáspora é um conceito que remete a migração forçada de determinado povo. Para se referir aos povos africanos dispersos pelo processo de escravização, autores como Stuart Hall e Paul Gilroy utilizam a expressão “diáspora negra”.

religião de ritos que pouco importa com as diferenças entre o bem e o mal na perspectiva cristã, visto que, sua preocupação é administrar a relação entre cada orixá e o ser humano que dele descende, a fim de através de oferendas, evitar os desequilíbrios desta relação que podem provocar transtornos diversos. Portanto, segundo Góis (2013), para entender o candomblé faz-se necessário compreender a sua mitologia.

Por ser uma religião forjada na resistência, o candomblé, única modalidade religiosa na qual os negros são a maioria dos fiéis, sofre com a estigmatização social perpetrada por uma sociedade que busca “fazer desaparecer, o mais rapidamente possível, tudo que possa lembrar a África, a fim de diluir as três cores fundamentais do país em uma só cor”. (BASTIDE, 1971, p. 450). Porém, ainda que haja uma tentativa de europeizar o Brasil, as tradições africanas continuarão influenciando o modo de vida de pessoas sem qualquer identificação com as visões excludentes e preconceituosas do mundo ocidental.

## 2 DO MEDO A DEMONIZAÇÃO: O PODER DOS ORIXÁS

Em virtude da mistificação das religiões de matrizes africanas, parcela da sociedade brasileira teme o poder dos orixás e associa as divindades afro-brasileiras ao demônio. Acreditando em uma suposta força maligna, parte dos brasileiros condena a ritualística do culto aos orixás, como se estivesse em uma batalha do bem contra o mal, não só isto, acaba transformando seu medo em intolerância religiosa.

Segundo Prandi (2001), os orixás, embora no senso comum apareçam de forma negativa, são seres divinos que já habitavam o Orum e foram designados pelo ser supremo, Olorum, para criar o Ayé. Por outro lado, de acordo com Sangirardi Jr. (1988), os deuses africanos não são inatingíveis, habitantes de um céu remoto que só pode ser acessado pela morte, conforme prega os cristãos; eles descem a terra e conversam com os mortais, amparando-os sempre que precisam. Nota-se, então, que incorporar entidades é o meio de se comunicar com o sagrado.

Em África, há registro de culto a cerca de 400 orixás. Todavia, com a dispersão étnica dos povos africanos, no Brasil são cultuados, aproximadamente, 16, sendo os mais conhecidos: Exu, Ogum, Oxossi, Obaluaê, Xangô, Oxumarê, Logum Edé, Ossaim, Oxalá, Iansã, Oxum, Iemanjá, Nanã, Ewa, Obá e Iroco. Destes, o que sofre maior criminalização é Exu, consoante Verger (1997), o mais astuto e mais sutil de todos os orixás. Pois, os europeus difundiram, desde as primeiras observações acerca da religiosidade africana, uma imagem depreciativa do mesmo.

Os europeus que tiveram contato com o culto do orixá Exu dos iorubás, venerados pelos fons como o vodum Legba ou Elegbara, associaram essa divindade ao diabo, por ser

apresentado na mitologia como um orixá que contraria as regras mais gerais de condutas socialmente aceitas no espectro da religiosidade cristã. Em virtude disso, os missionários católicos fizeram dele o símbolo da maldade, do ódio, em oposição à bondade, pureza e amor de Deus. Deste modo, “foi sem dúvida o processo de cristianização de Oxalá e outros orixás que empurrou Exu para o domínio do inferno católico, como um contraponto requerido pelo molde sincrético”. (PRANDI, 2001, p. 51).

Em razão dessas associações, muitos brasileiros confundem Exu com o diabo, e acabam criando aversão aos ritos religiosos de matrizes africanas. No contexto cultural, hegemonicamente católico, as imagens de Exu em vez de manter o esplendor fálico como é representado na mitologia nagô-yorubá, ganhou chifres, rabo e até mesmo os pés de bode próprios de demônios antigos e medievais inventados pelo catolicismo. Isso tudo reforça o lado demoníaco de Exu no imaginário coletivo nacional.

Mas ao contrário do que se acredita, Exu é o guardião dos caminhos, das encruzilhadas, dos terreiros. É, de acordo com Oli Costa (2012), um orixá de movimento. Enquanto porta-voz dos deuses e entre os deuses, Exu possibilita a comunicação dos humanos com o mundo espiritual, especialmente nas consultas oraculares. Assim, “como mensageiro dos deuses, Exu tudo sabe, não há segredos para ele, tudo ele ouve e tudo ele transmite” (PRANDI, 2001, p.50).

Para Exu realizar a comunicação entre os dois mundos, ele recebe oferenda, pois trata-se do único orixá que não trabalha sem pagamento. As oferendas a Exu geralmente ocorrem na segunda-feira, por ser “o dia da semana que lhe é consagrado. É bom fazer-lhe oferendas neste dia, de farofa, azeite de dendê, cachaça e um galo preto”. (VERGER, 1997, p.12). Exu e os demais orixás devem receber sacrifícios votivos, porque somente através da oferenda os humanos se dirigem aos orixás, e o sacrifício significa a reafirmação dos laços de lealdade, solidariedade e retribuição entre os seres terrenos e os seres celestiais.

Então, por se tratar de um orixá mensageiro que tem ligação com as oferendas, Exu foi mal compreendido e continua sendo identificado como o diabo. Hoje, quem mais tem demonizado as divindades negras são as igrejas neopentecostais, onde os exus e pombagiras ocupam um lugar de destaque nas performances de pastores exorcistas que fazem desfilar o diabo em suas múltiplas versões. Na disputa por adeptos, a imagem de Exu, o maligno, é amplamente explorada no universo religioso hegemônico, em especial entre os evangélicos.

Muitos líderes religiosos valem-se do transe e da incorporação comum às religiões de matrizes africanas, para trazer à cena as entidades que eles identificam como demoníacas e, em um show de intolerância, realizam as sessões de descarrego. Apropriando-se de termos do universo do candomblé e da umbanda, sacerdotes

neopentecostais, principalmente da Igreja Universal do Reino de Deus, do intitulado bispo Edir Macedo, encenam a expulsão de demônios, que segundo o próprio Macedo (1987), quem não conhece pode achar que se encontra em um centro de macumba.

Infere-se, assim, “que ser bispo, pastor, obreiro e mesmo frequentador da Universal, ao menos aqui no Brasil, implica não somente conhecer a Bíblia e a doutrina pentecostal, mas também dominar os códigos simbólicos, as crenças e o discurso das religiões afro-brasileiras” (ORO, 2006, p. 331). Senão, pouco compreenderá a presença constante de elementos do candomblé nos cultos de exorcismo. Além disso, sem conhecer, não teria por que acreditar no poder considerado destrutivo dos orixás.

Nessa perspectiva, se as igrejas têm fomentado os preconceitos acerca da religiosidade afro-brasileira, a literatura tem sido uma via de desconstrução das imagens negativas a respeito dos orixás. Escritores negros e escritoras negras trouxeram à lume uma gama de textos literários, nos quais ressignificam, reconstróem e transfiguram os estereótipos raciais relacionados aos negros e suas culturas.

### 3 A LITERATURA COMO FERRAMENTA DE DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS: DESMITIFICANDO ESTEREÓTIPOS SOBRE OS ORIXÁS

As escritoras negras e escritores negros engajados na luta antirracista, utilizam a literatura como ferramenta de desconstrução dos estereótipos difundidos na sociedade. Em suas produções literárias se engajam no sentido de problematizar um modo de representação, que segundo Homi Bahbha (1998), fetichiza a diferença representando o diferente sem incorrer no erro de formular uma história única ao seu respeito.

Segundo Zilá Berned (1988), o estereótipo parte de uma generalização apressada, ou seja, toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo. Ainda conforme a autora, “a construção do estereótipo pode se dar por ignorância ou quando há um objetivo de dar como verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação” (1988, p. 11). O estereótipo sobre os orixás fora construído com base na segunda assertiva, a demonização das divindades afro-brasileiras era e continua sendo de interesse da classe dominante para manutenção de sua cosmogonia.

A literatura negro brasileira, como prefere assim denominar o escritor Cuti (2010) lembra a identidade daqueles que perderam a identidade original e construíram outra; remete à reivindicação diante da existência do racismo. Nesta mesma linha de raciocínio, Nazareth Fonseca (2006), defende que a expressão “literatura negra”, ao procurar integrar às lutas pela conscientização da condição social do negro, ressignifica os processos de formação identitária de grupos excluídos. Portanto, essa vertente literária inscreve as culturas negras de forma que propicie a desconstrução de estigmas.

Vale ressaltar, que não há um consenso quanto ao uso da expressão “literatura negra”, o escritor Domício Proença Filho, por exemplo, considera o termo equivocado, porque segundo ele “vem sendo configurada no restrito espaço reivindicatório de escritores negros ou mestiços de negros como tal, não costumam ser nelas situadas obras feitas por escritores contemporâneos não vinculados à etnia, pelo menos em nível epidérmico” (2004, p. 184). Para Eduardo de Assis Duarte (2010), o conceito de literatura afro-brasileira é uma formulação mais elástica, por abarcar expressões literárias diversas.

Mas apesar das controvérsias, neste trabalho optou-se por utilizar a expressão “literatura negra” para se referir à produção literária de autores fenotípica e discursivamente negros. Integrante dessa vertente literária, a poeta baiana Livia Natália<sup>2</sup> que estreou no cenário literário em 2011 com a obra *Água negra*, livro premiado no Concurso Literário do Banco Capital, publicou *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015), *Água negra e outras águas* (2016), *Dia bonito pra chover* (2017), dentre outras. Em sua escrita poética, a cosmogonia do candomblé está entre os temas mais corriqueiros, haja vista que, sendo filha de Osun, Livia Natália se propõe desconstruir as ideias preconceituosas a respeito das divindades de matrizes africanas, revelando simbologias do universo místico afro-brasileiro positivamente.

Os textos poéticos de Livia Natália são, deste modo, importantes ferramentas de reconfiguração da imagem dos orixás, uma vez que a autora apresenta uma outra concepção sobre a espiritualidade afro-brasileira. Através da literatura negra e feminina desta poeta baiana, há a possibilidade de desfazer a história única sobre as religiões de matrizes africanas, fazendo com que os leitores conheçam o universo místico afro-brasileiro a partir de outra perspectiva.

Entendendo a urgência de desfazer a mentalidade racista e discriminatória secular da sociedade brasileira, que ainda sustenta a ideia de superioridade versus inferioridade em relação à cultura e raça, cujo sentido aqui, corresponde a uma forma de classificação social, os escritores e escritoras negras escrevem com vista à valorização dos aspectos culturais de origem africana, rechaçados pelo eurocentrismo.

Certos de que não é a discussão, mas o silenciamento sobre a questão racial que mais reforça a existência do racismo e do preconceito, os escritores negros e escritoras negras discutem em suas produções literárias temas relativos à população negra. Gomes (2005) define racismo como um “conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores”. (p. 52). O preconceito, como o próprio nome indica, “é um julgamento negativo e prévio dos

---

<sup>2</sup> Livia Maria Natália de Souza Santos nasceu em Salvador, onde ainda reside. Além de poeta, Livia Natália é Mestre (2005) e Doutora (2008) em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua como professora Adjunta do setor de Teoria da Literatura da UFBA, ensinando disciplinas ligadas ao campo da Teoria da Literatura, sua área de especialização. Divide seu tempo entre lecionar e escrever literatura.

membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo” (GOMES, 2005, p. 54).

O texto literário, em particular, os textos produzidos por escritores negros e escritoras negras serve para reeducar os sujeitos, o *Poema-ebó* é um exemplo disso. Contrariando o imaginário racista brasileiro, neste poema Exu, orixá das religiões afro-brasileiras, geralmente representado de forma diabólica, ganhou uma conotação positiva, evidente nas seguintes estrofes:

Dono das encruzilhadas,  
morador das soleiras das portas de minha vida,  
Falo alto que sombreia o sol:  
Exu!

Domine as esquinas que dobram  
o corpo negro do meu povo!  
Derrama sobre nós seu epô perfumado  
nos banha na sua farofa  
sobre o alguidá da vida!

Defuma nossos caminhos  
com sua fumaça encantada.  
Brinca com nossos inimigos,  
impede, confunde, cega  
os olhos que mal nos vêem (NATÁLIA, 2015, p. 68).

Exu é o orixá mensageiro das religiões de matrizes africanas, responsável pela comunicação dos humanos com o mundo espiritual, que fora e continua sendo demonizado. Também, em consonância com os versos de Livia Natália, esse orixá ao invés de simbolizar o mal, na verdade protege quem nele acredita. Por ser uma entidade que media a ligação entre o homem e o divino, os fiéis da Umbanda e do Candomblé fazem oferendas a Exu em encruzilhadas, pois simboliza a interseção entre os dois mundos. A maneira como as pessoas concebem as divindades oriundas de diferentes contextos em África, tem a ver com fato de segundo Silva (2005), nenhum outro evento cultural de origem africana ser tão vilipendiado quanto o universo das religiões dos orixás.

A oferenda aos orixás assemelha-se às ofertas dos cristãos, a diferença é que a primeira é alvo de sistemáticas ridicularizações, em virtude da intolerância de uma parcela significativa de pessoas preconceituosas que só conhecem as entidades de matrizes africanas através das narrativas do senso comum. As interpretações acerca de Exu, “denunciam o nível exacerbado de mediocridade e de pavor que perdura na sociedade brasileira sobre as cosmovisões africanas ressignificadas no contexto do novo mundo” (SILVA, 2005, p. 126).



Ligado à vitalidade, à força, à proteção e à aplicação da lei em seus domínios espirituais, Exu em *Poema-ebó*, de Livia Natália é evocado desta maneira:

Menino amado dos Orixás,  
dou-te este poema em oferenda.  
Ponho no seu assentamento  
este ebó de palavras!

Tu que habitas na porteira de minha vida,  
seja por mim!  
Seja pelos meus irmãos negros  
filhos de sua pele ébano!

[...]  
Mora na porteira de nossa vida,  
Exu!  
Vai na frente trançando as pernas do inimigo.  
Nos olhe de frente e de costas!

Seja para nós o que Zumbi foi em Palmares:  
Nos liberta, Exu,  
Laroiê! (NATÁLIA, 2015, p.68-69)

Conhecedora da religiosidade negra brasileira, Livia Natália foge dos estereótipos depreciativos presentes em vários textos literários da literatura brasileira. Se distanciando do misticismo excêntrico, a escritora negra constrói uma outra narrativa sobre os orixás, apresentando-os de forma positiva. Exu nesses seus versos, ao contrário do que dizem ao seu respeito, fora evocado com o intuito não de perseguir as pessoas, mas sim de proteger o povo negro contra as artimanhas do inimigo, de semelhante a Zumbi, principal líder de quilombo na história do Brasil, conduzir os negros à liberdade.

No poema *Orixá didê*, Livia Natália não nomeia a entidade a quem presta homenagem, porém mais uma vez apresenta a religiosidade negra de matriz africana sob uma perspectiva positiva. Sua literatura negra feminina subverte a imagem negativa que permeia o imaginário coletivo da sociedade brasileira, mudando o olhar enviesado sobre o universo religioso fora dos parâmetros cristãos, evidente no excerto:

Arranca as percatas de seu cavalo  
e nele galopa com os pés no chão!  
Solta um grito que se espeta no alto  
e,  
repetido,  
Saúda a terra com a majestade de sua presença (NATÁLIA, 2015, p. 41).

Percebe-se com as análises dos poemas de Livia Natália, que a literatura pelo próprio caráter reivindicatório de sua existência, é propositadamente destinada a

reconstruir a imagem do negro e suas culturas no discurso literário. Ela se propõe romper com a forma pejorativa de representação do outro, é o contradiscurso narrativo. Textos poéticos semelhantes aos poemas de Livia Natália que foram analisados são fundamentais para mudar o olhar acusatório que recai sobre as religiões negras, historicamente perseguidas e criminalizadas pela classe dominante do país, que a todo custo busca manter a sua hegemonia.

#### 4 CONCLUSÃO

Os poemas analisados demonstram que a literatura contribui muito para promover uma abordagem crítico-reflexiva sobre as representações estereotipadas acerca das religiões de matrizes africanas. Por isso, os autores e autoras da literatura negra brasileira, fazem de seus textos literários uma ferramenta política que permite problematizar a demonização dos orixás no âmbito da sociedade brasileira.

A literatura negra feminina de Livia Natália, sobretudo, desconstruiu a imagem diabólica forjada para Exu, representando esta divindade de modo a ressaltar a sua força protetora. No discurso literário da referida poeta, Exu deixou de ser o símbolo da maldade, assumindo importância semelhante a que teve Zumbi dos Palmares para os escravizados. A voz narrativa de *Poema-ebó*, evoca Exu para que conduza o povo negro à liberdade, assim Livia Natália confere outro significado a essa entidade tão temida por parte dos brasileiros.

#### REFERÊNCIAS

BATISDE, R. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia de interpretações de civilizações. Trad. Maria Heloisa Capellato. v. 2, São Paulo: Livraria Pioneira, 1971.

BERNED, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Miriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

COSTA, Oli Santos da. **Exu, o orixá fálico da mitologia nagô-yorubá**: demonização e sua ressignificação na umbanda. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

PROENÇA FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos**

**Avançados**, São Paulo, v. 18, nº 50, pp. 161-193, jan./abr. 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GÓIS, J. A. As religiões de matrizes africanas: o candomblé, seu espaço e seu sistema religioso. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 321-352, jan./mar. 2013.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MACEDO, E. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?** Rio de Janeiro, Universal Produções, 1987.

MAIA, Moacir Rodrigo de Castro. A porta de entrada dos africanos na América portuguesa: batismo e escravidão. In: REIS, Isabel Cristina Ferreira; ROCHA, Solange Pereira da (Org.). **Diáspora africana nas Américas**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

NATÁLIA, L. **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

ORO, A. P. O neopentecostalismo macumbeiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 319-332, dez./fev. 2005-2006.

PRANDI, R. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 64-83, dez./fev. 1995-1996.

\_\_\_\_\_. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, p. 46-63, jun./ago. 2001.

SANGIRARDI JR, A. **Deuses da África e do Brasil: candomblé & umbanda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

SILVA, N. F. I. Africanidade e religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas na escola. In: **Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

VERGER, P. F. **Lendas africanas dos Orixás**. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. 4. ed. Salvador: Corrúpio, 1997.



Título em inglês:  
ORIXÁS IN THE LITERATURE OF LÍVIA NATÁLIA:  
DESCONSTRING STEREOTYPES

INVENTÁRIO